

## **Como – Implicações de uma unidade léxico-gramatical**

Ana Alexandra SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo pretende averiguar quais os valores do termo *como* e as funções por ele desempenhadas no enunciado. Interessa investigar o uso que o falante dá ao termo e, para tal, existe a necessidade de recorrer a conceitos lexicais (da morfologia) e gramaticais (da sintaxe e da semântica). A quase inexistência na língua portuguesa de estudos sobre o item *como*, frequente quanto é na interação verbal, impulsionou a escolha do seu estudo com o intuito de proceder a uma análise dos seus valores lexicais e gramaticais. Com este trabalho pretende-se dar uma visão geral, mas consistente, de uma análise léxico-gramatical de *como*, que poderá servir de ponto de partida para análises posteriores.

**Palavras-chave:** lexicalização; gramaticalização.

**Abstract:** This study aims to determine which values of the item *como* and the functions performed by it in the phrase/sentence. We are interested in investigating the use that the speaker gives to the term. In order to accomplish that task there will be a need to take lexical (morphology) and grammar (syntax and semantics) concepts. As common as *como* is in the verbal interaction, we would imagine that there would be a lot of literature about it, but the fact is that there is not. That impelled us to study that particular lexical item, in order to determine its lexical and grammatical values. This paper intends to “scratch the surface” of the problem, but, nonetheless, giving the reader a consistent lexicon-grammatical analysis of how *como* works in discourse, that could serve as a starting point for further analysis.

**Keywords:** lexicalization; grammaticalization.

### **Introdução**

Quais as funções e os valores que *como* adquire no discurso? Como é que o falante da língua faz uso dessa pequena partícula? Eis algumas das perguntas que irão funcionar como linhas de orientação.

Este estudo pretende averiguar quais os valores do termo em análise, bem como as funções por ele desempenhadas no enunciado. Interessa investigar o uso que o falante dá ao termo e, para tal, existe a necessidade de recorrer a conceitos lexicais (da morfologia) e gramaticais (da sintaxe e da semântica).

A quase inexistência na língua portuguesa de estudos sobre

---

<sup>1</sup> Professora Auxiliar, Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Linguística e Literaturas. Centro de Estudos em Letras – CEL-UÉ. Évora. Correio eletrónico: aasilva@uevora.pt

o item como, frequente quanto é na interação verbal, impulsionou a escolha do seu estudo com o intuito de proceder a uma análise dos seus valores lexicais e gramaticais. Em Espanha e França, já existe investigação nesta área, mas em Portugal a informação é bastante reduzida. Por tudo isto, é objetivo deste trabalho fornecer aos leitores uma visão ampla e clara sobre o valor e a funcionalidade deste item no discurso. Este estudo será desenvolvido no âmbito da sincronia. Tais análises têm como principal objetivo tentar explicar os fenómenos que hoje a língua presencia. Não deixa de ser pertinente alertar o leitor para o facto de se tratar de um estudo não exaustivo, pois considera-se que muito mais haverá para fazer nesta área.

Pretende-se, com as fontes selecionadas para este estudo, obter uma amostragem heterogénea e ilustrativa das múltiplas possibilidades do uso que este item tem no discurso oral e escrito.

Veja-se quais os corpora que serviram de base a este estudo:

A gramática: Considerou-se, desde logo, relevante analisar a forma como as gramáticas abordavam este item, como o classificavam e em que capítulos estava inserido. Neste aspecto privilegiou-se uma análise sincrónica, e daí a seleção das gramáticas de C. Cunha e L. Cintra, de M. M. Mateus, de P. V. Cuesta e (mais recente esta última) de M. Vilela. No entanto, procedeu-se a uma breve incursão em gramáticas portuguesas de cariz histórico, recorrendo-se a autores como J. J. Nunes, J. Huber e M. Said Ali, que trouxeram alguns esclarecimentos preciosos, no que respeita à etimologia do item. Foram ainda analisadas algumas gramáticas da língua espanhola por se considerar que poderiam trazer informações importantes para o estudo que se pretendia desenvolver.

Testemunhos escritos da Imprensa: De entre o grande número de jornais existentes no nosso país, optou-se, arbitrariamente, pelo semanário Expresso. Trata-se de um jornal de grande tiragem que apresenta uma grande variedade de assuntos, tratados por uma grande variedade de pessoas. Tem ainda, como parte integrante do jornal, uma revista, na qual as entrevistas são uma constante. Aí pode encontrar-se uma maior afluência do item como, já que se está perante o registo escrito da língua oral. Acrescente-se, ainda, que os jornais consultados medeiam o período entre 19 de Julho de 1997 (edição n.º 1290) até 14 de Fevereiro de 1998 (edição n.º 1320).

Léxico do Português Fundamental<sup>2</sup>: Fez-se o levantamento do  
2 M. NASCIMENTO, 1987.

item em análise nas cerca de 140 entrevistas presentes no volume. Considerou-se a recolha desta amostragem indispensável, para uma visão mais clara do estudo deste item no discurso oral.

Linguagem comum e informal da região Sul (Alentejo interior): Faz-se aqui referência aos usos que os falantes fazem no seu discurso do dia a dia. São estes comentários ouvidos em conversas informais.

### **Informação etimológica**

Parece haver consenso entre os estudiosos no que respeita à origem de *como*. Esta partícula terá tido a sua génese na forma latina *quomodo*, a qual evolui para a forma arcaica *quomo*, aparecendo esta última em documentos do século XIII. No latim <q> foi rapidamente substituído por [k] (o elemento labial acabou por se perder, só o velar se mantendo). O <q> latino manteve-se, em geral, em início de palavras, mas antes de <e>, <i>, e <o> desapareceu o elemento labial para se manter apenas a oclusiva velar<sup>3</sup>. A queda do *ádñ* está relacionada com um fenómeno que atingiu as consoantes internas, em que as oclusivas surdas passam a sonoras, o [b] permuta com a fricativa sonora e o [d] cai, daí a forma *quomo*.

No latim *quomodo* funcionava habitualmente como advérbio interrogativo, mas este valor entrava em competição com UT, forma bastante mais ambígua e que foi, por isso, progressivamente substituída por *quomodo*. R. Cano explica alguns valores de *como*:

Soncomunes a toda la Romania, para los herederos de *quomodo*, los valores completivo, comparativo, "identificador" (o introductor de predicado) y temporal, y casigenerales los causales, finales y otros. (CANO AGUILAR, 1987, p.303).

Assim, este autor afirma que *como* foi herdeiro de *quomodo* e dele bebeu toda uma série de funções e usos, comuns a toda a Romania. De referir que este autor considera que as duas funções primitivas de *quomodo* seriam as de interrogativo e comparativo (modal). Julga poder-se daí concluir que todos os outros usos teriam derivado destes primitivos. São duas as hipóteses colocadas por R. Cano para tentar mostrar essa evolução. A primeira avança a possibilidade de se tratar de uma progressiva substituição (analógica) de *ut* por *quomodo*, alargando (pelo desaparecimento de *ut*) o campo semântico de *quomodo*. Esta

<sup>3</sup> Cf. J. HÜBER, 1986, p. 106.

primeira hipótese teria que ser atestada em documentos de língua latina. A segunda hipótese defende que a partir de um valor original todos os outros ter-se-iam desenvolvido, sendo, portanto, valores secundários. Esta segunda hipótese também não parece ser a mais adequada, pois considera-se incorrecto julgar alguns valores como primários e outros como secundários. Pode, no entanto, admitir-se que teriam existido valores que surgiram primeiro no tempo e outros que surgiram depois; pode também avançar-se que existem uns valores mais comuns e outros valores menos comuns.

### **Análise do corpus**

Antes de se iniciar a exposição dos valores e funções que como adquire no discurso, julga-se necessário proceder a alguns esclarecimentos quanto aos critérios utilizados.

Tradicionalmente diz-se que "(...) as classes de palavras (também conhecidas como partes do discurso ou categorias lexicais) podem ser definidas por critérios semânticos, sintáticos e morfológicos." (BASÍLIO, 1987, p. 49) Como refere M. Basílio, tem-se à disposição três critérios: o primeiro foi essencialmente utilizado pelas gramáticas da linha tradicional; o segundo pela corrente generativista e o último pelo estruturalismo linguístico. De notar que na história das classes de palavras (ou partes do discurso) no Ocidente houve uma mescla indiscriminada dos três critérios. Desde os gramáticos gregos, passando pelos romanos, os pontos de vista morfológico, sintático e semântico eram confundidos, não havendo uma clara distinção entre eles. A classificação das palavras em partes do discurso nasce no século III a. C. aquando da reflexão sobre a linguagem elaborada pelos gregos. Os avanços no estudo científico da linguística trouxeram alguns esclarecimentos, nomeadamente, através de correntes como o estruturalismo e o generativismo.

As categorias delineadas pela gramática tradicional surgiram em referência a critérios formais e semânticos, mas tais critérios (incluindo também o sintático) interpenetram-se indiscriminadamente. J. Lyons apresenta uma visão substancialmente diferente, no que respeita a toda esta problemática das classes de palavras. A sua visão insere-se numa perspectiva generativista da língua e seu objectivo será a delimitação

de categorias universais da linguagem humana. Para tal, propõe-se utilizar três abordagens: “contextual”, “lógica” e a “sintáctica”. De acordo com estes três critérios, J. Lyons considera a existência de apenas quatro grandes partes do discurso: nomes, verbos, adjetivos e advérbios<sup>4</sup>.

Uma questão se coloca. Será que, quando se quer proceder a uma tal classificação em classes de palavras, não haverá, necessariamente, uma amálgama dos critérios? E a resposta só poderá ser positiva, já que “(...) um item lexical é um complexo de propriedades morfológicas sintáticas e semânticas. Assim, sua pertinência a classes deve ser estabelecida em termos morfológicos, semânticos e sintáticos.” (BASÍLIO 1987, p. 54). Efetivamente, não se pode querer separar os critérios de maneira estanque, pois a interpenetração entre eles é uma realidade. Torna-se, sim, necessário verificar qual o critério é mais apropriado para a descrição do caso em estudo. Como defende M. Vilela, para uma classificação completa e explícita das diferentes classes gramaticais, torna-se imperativo o uso de todos os critérios<sup>5</sup>.

A gramática tradicional e, por sua influência, os dicionários classificam este item como advérbio, conjunção, e mesmo como substantivo, não apresentando para tal classificação qualquer justificação.

### *Como nas Gramáticas*

A partícula *como* aparece sempre inserida nas gramáticas analisadas dentro de campos mais latos como as conjunções e advérbios.

P. V. Cuesta refere-se ao *como* na sua acepção de partícula que permite a construção do comparativo de igualdade:

- (1) Esta garota é *tão* esperta **como** aquela.
- (2) Este lençol está branco **como** a neve.

Existem aqui duas comparações. O segundo termo da comparação relaciona-se com o primeiro através da conjunção *como*. No exemplo (1) está um correlativo de *como*: *tão*. No exemplo seguinte note-se que este termo, segundo a interpretação da autora, está elíptico.

Tal como já se encontrou nos dicionários analisados, o item em

4 Cf. J. LYONS, 1991, p. 110-145.

5 M. Vilela defende pois que “o uso dos diferentes critérios – em exclusivo ou em complementaridade – é linguística e cientificamente correcto.” M. VILELA, 1995, p. 59.

análise será classificado como advérbio de modo (ao lado de “bem”, “mal”, “assim”, “deveras”, entre outros), como conjunção comparativa (ao lado de “que”, “conforme”, “segundo”, “consoante”, entre outros) e conjunção causal (ao lado de “que”, “porque”, “pois”, entre outros).

A gramática tradicional define o advérbio como um vocábulo determinativo do verbo. Estes costumam dividir-se de acordo com a sua significação. O critério semântico acaba por ser o preponderante. Já a conjunção é, geralmente, definida como uma palavra invariável que serve para ligar orações (critério morfológico). Dentro destas distinguem-se as orações coordenadas (ligam elementos independentes) e subordinadas (ligam elementos dependentes, pois as conjunções subordinativas ligam segmentos, um dos quais determina ou completa o sentido do outro).

Fala-se, por vezes, em *polissemia conjuncional*, o que significa que algumas conjunções podem pertencer a mais de uma classe. Sendo assim o valor que elas transmitem está dependente do contexto em que se inserem. É preciso não esquecer que muitas vezes é difícil traçar fronteiras rígidas entre os diversos valores. Veja-se estes exemplos, presentes em C. Cunha e L. Cintra:

- (3) **Como** as pernas trôpegas exigiam pouco, descia à cidade.
- (4) **Como** um casal de rolinhas.
- (5) **Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo<sup>6</sup>.

Conclui-se, deste modo, que no exemplo (3) se está perante uma conjunção causal. Se se operar por comutação obtém-se o seguinte enunciado: “Porque as pernas trôpegas...” e o significado mantém-se, ou seja, a causa da descida à cidade residia no facto de as pernas trôpegas exigirem pouco. Já no exemplo (4) não existe a expressão de causa, mas uma comparação (considerando-se que a primeira parte da comparação está elíptica): “O João e a Maria gostam um do outro como um casal de rolinhas.” Assim, teremos, neste exemplo (4), uma conjunção comparativa. No exemplo (5), como desempenhará a função de uma conjunção conformativa<sup>7</sup>.

M. M. Mateus refere que a partícula como ocupa a posição de

<sup>6</sup> Cf. C. CUNHA e L. F. L. CINTRA 1987, p. 582-585.

<sup>7</sup> Esta nomenclatura é a de C. Cunha e L. Cintra: identifica as conjunções conformativas e as proporcionais. Para mais informação cf. p. 585.

“complementador”, isto é, trata-se de um subordinante. Como fará parte de uma estrutura comparativa, funcionando aí como um elemento conector entre duas orações. Sendo assim, poder-se-á afirmar que o grau comparativo é constituído pela conjugação dos advérbios “mais”, “menos” e “tão” e do complemento do ADJ (“que” ou “como”) mais sintagma nominal. M. M. Mateus, embora não se refira explicitamente à polissemia conjuncional, acaba por fazê-lo quando aponta os diversos valores a que o uso de *como* está sujeito.

(6) O João chegou ontem, **como** o Manuel. Valor comparativo + valor conjuntivo

(7) Ele procedeu **como** esperávamos. → Valor comparativo + relativo

Através destes, é possível verificar que o valor de um determinado conetivo (neste caso, *como*) nem sempre é tão claro quanto poderá parecer. É preciso situar o elemento no momento da sua utilização para que se possa chegar a algumas conclusões. Verificam-se certas semelhanças sintácticas e semânticas entre as diversas construções, o que torna ainda mais difícil a sua análise e, conseqüentemente, o estabelecimento do valor de *como*. Pode mesmo encontrar-se, como refere a autora da gramática em análise, uma certa semelhança e correspondência sintáctica entre: “o modo como” e “como”; “do modo que” / “do modo como” e “como”.

(...) como é afinal ténue a fronteira entre os morfemas relativos e algumas das chamadas “conjunções subordinativas”. Os morfemas relativos podem exprimir valores coincidentes com os de outros conectores de subordinação, enquanto alguns destes, além de outros valores semânticos, podem ter uma componente “relativa”. (M. H. M. MATEUS *et al*, 1994, p. 298).

Sobre o conceito de polissemia, não deixa de ser interessante avançar a ideia apresentada por M. Vilela, “É já *communis opinio* que advérbios, preposições e conjunções se misturam, se confundem, se servem dos mesmos elementos, e, por vezes, não é fácil distinguirmos se estamos numa classe ou noutra.” (VILELA, 1995, p. 210). E, como exemplo ilustrativo desta afirmação, na mesma página um pouco antes encontra-se como inserido em três grupos diferentes. É, então, classificado como uma subordinativa causal, temporal e comparativa,

sendo que o autor apenas se está aqui a referir às conjunções. O advérbio e a conjunção não são as classes mais fáceis de trabalhar, mas de um modo geral exprimem a noção de relação.

### *Como no discurso*

Como já se constatou, as funções de como podem ser variadíssimas. Das funções primitivas de quomodo (interrogativo e comparativo), surgiram muitas outras que se foram desenvolvendo e cimentando o seu uso na sociedade actual.

Pelo grande número de valores de como, poder-se-ia pensar que a tendência da língua seria a de voltar ao início, isto é, voltar a restringir o número de significados de como criando (ou adaptando) novos significantes para todos esses usos que concorrem num só significante: [ˈkomu]. No entanto, isso não aconteceu, porque os diversos valores de como não colocam qualquer tipo de problema ao falante, não prejudicando de forma alguma a comunicação. O falante possui um conhecimento intuitivo dos valores de como.

Nas entrevistas recolhidas no volume do Português Fundamental, o como aparece inúmeras vezes, com diversos valores e funções. Já no jornal Expresso, o como não é tão frequente. De notar que se está perante dois registos diferentes, podendo estes ser considerados dois sistemas de comunicação (dois sistemas semióticos). A opção por estes dois sistemas prendeu-se com a necessidade de alargar e diversificar o campo de análise.

Passar-se-á agora a um levantamento (ainda que não exaustivo) dos diversos valores funcionais de como. Este levantamento apoiou-se nos três critérios disponíveis para a categorização das tradicionais classes de palavras, tentando definir-se os valores do item em análise de acordo com cada um desses critérios. De esclarecer, ainda, que este estudo se baseou na classificação tradicional das partes do discurso, separando o substantivo, a preposição, a conjunção e o advérbio. Uma última divisão foi aquela que se prendeu com os valores elocutórios de como para, desta forma, se explicar os valores que o item adquire no discurso e qual o seu significado ou sentido. A ordem pela qual os valores se apresentam em nada se relaciona com uma tentativa de hierarquização dos mesmos.

### *Valor substantivado*

- (8) Diz-me o **como** e o porquê. (LCI)  
 (9) Não sei o **como**, nem o quando. (DCLP)

Nos casos acima apresentados *como* é um elemento substantivado. A colocação do artigo definido a preceder a partícula em análise faz com que o sintagma “O *como*”, cujo elemento nuclear é a unidade “*como*”, funcione como sujeito no primeiro enunciado e como complemento directo no segundo.

Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objecto directo, do objecto indirecto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo. (C. CUNHA e L.F.L. CINTRA, 1987, p. 177)

O *como* assume, deste modo, funções de substantivo, já que, com a nominalização, passa a desempenhar as funções sintáticas decorrentes da mudança de classe. Este uso de *como* não é frequente, embora apareça registado em diversos dicionários. De notar que a classificação como substantivo é típica das partes do discurso ou das classes de palavras. Os substantivos são considerados elementos centrais de funções sintáticas tipicamente desempenhadas por sintagmas nominais.

### *Valor Preposicional*

- (10) A Filipa foi indicada **como** secretária do centro. (LCI)

Neste contexto, o *como* é comutável com uma preposição: “A Filipa foi indicada para secretária do centro.”, o que leva à consideração que *como* também assume funções de preposição. O conceito de preposição sempre foi muito debatido na gramática. Se se proceder à análise de algumas gramáticas, verifica-se a existência de inúmeras, por vezes contraditórias, definições do conceito de preposição<sup>8</sup>. Numa coisa parece haver algum consenso: as preposições constituem um inventário fechado<sup>9</sup>, o que lhes fornece o carácter de morfemas. No

<sup>8</sup> Cf. F. A. LÁZARO MORA, 1985, p. 375-389.

<sup>9</sup> A discussão que remete para o fato de as preposições deverem ser (ou não) consideradas morfemas

entanto, há que considerar que a língua arranja formas de criar novas unidades preposicionais. Veja-se, por exemplo, a abundante quantidade de locuções preposicionais emergentes. A sua gramaticalização poderá não ser tão produtiva como a criação lexical, mas há produção de preposições. Além disso, tratar-se-á, de acordo com o critério morfológico, de uma palavra invariável que estabelece uma relação de dependência entre dois termos. C. Cunha e L. Cintra encaram este elemento: "Chamam-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (Antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (Consequente)" (CUNHA e CINTRA, 1987, p. 551). Podemos afirmar que, quando comparadas com outras partes do discurso, bem mais produtivas, como o substantivo, por exemplo, as preposições constam de uma lista fechada e por isso todas as gramáticas (ou a grande maioria destas) incluem uma lista com todas as preposições empregues. Tal não invalida o aparecimento de novas locuções preposicionais.

Foi possível constatar que a partícula como, cujo funcionamento no exemplo (10) em tudo se assemelha ao de uma preposição, não consta de nenhuma dessas listas. Somente a primeira edição da Gramática da Real Academia Espanhola (1771)<sup>10</sup> incluía a preposição como. Desde então, ela desaparece das listas das gramáticas (cf. F. LÁZARO MORA, 1985, p. 384). C. Cunha e L. Cintra chamam a este tipo de preposição "acidental", pois só acidentalmente é que a partícula desempenhará a função de preposição. Tal função só poderá ser claramente esclarecida pela realização da operação de comutação, tal como foi efectuada acima.

Recordando os três critérios que servem de base para a classificação que está aqui a ser executada, pode definir-se a preposição de um ponto de vista morfológico, sintáctico e semântico. Assim, morfologicamente, em português, a preposição não sofre qualquer tipo de flexão. Sintacticamente, poder-se-á adiantar que a preposição está subdividida em dois grupos: as essenciais e as acidentais<sup>11</sup>. É neste segundo grupo, como já se referiu, que se poderá incluir como.

**Como** pode ocupar a posição pontilhada [refere-se o autor a afirmação antecedente quando defende que poder-

---

gramaticais típicos, merece um aprofundamento que este artigo não poderá, neste momento, fornecer ao leitor. Assim, guardaremos para análise posterior a integração destas unidades na morfologia intralexical. 10 Cf. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1973, p. 434-443.

11 Cf. J. R. MACAMBIRA, 1970, p. 66-71.

se-á considerar preposição se no esquema: "Aqui tudo muda..... o inverno", ocupar a posição pontilhada] , e neste caso considerar-se preposição, equivalente às locuções "à semelhança de", "à imitação de" (...) (MACAMBIRA, 1970,p. 69).

Em relação ao último critério, o semântico, dir-se-á que a preposição é um elemento conector, o que é uma definição claramente insuficiente, já que poderá induzir a confusões com outras classes.

A preposição, como se verificou no exemplo fornecido, relaciona dois elementos: um antecedente ("Filipa"), que pode ser um verbo, substantivo ou pronome, e um conseqüente ("secretária") que é sempre um substantivo ou equivalente. Exprime a preposição uma determinada relação espacial, temporal, de posse, de posição, de direcção, entre outras. No exemplo apresentado exprime-se uma relação de posse (tomada de).

### *Valor Conjuncional*

De um ponto de vista morfológico a conjunção é uma palavra invariável, não admitindo o encaixe em paradigmas de flexão ou de derivação. Recorrendo a uma análise sintáctica, dir-se-á que a conjunção pode ser subdividida em dois grupos: as coordenativas e as subordinativas. As primeiras ligam elementos frásicos de valor idêntico, enquanto as segundas ligam elementos de valor diverso. Não se trata aqui de averiguar quais as conjunções coordenativas e quais as subordinativas, pois isso implicaria um afastamento considerável do tema central deste estudo. De um ponto de vista semântico, a conjunção é, tal como a preposição, um conector.

Este valor funcional de como actua como um elemento de ligação entre dois segmentos. Pode, então, juntar duas palavras, dois sintagmas, ou até mesmo duas orações. É o que a gramática tradicional intitula conjunção. O como vai adquirir diferentes matizes consoante os contextos em que é utilizado: comparativo, causal, temporal, condicional.

De um ponto de vista funcional, as denominadas conjunções são meros conectores que estabelecem ligações no enunciado, isto é, são elementos relacionais. Como diz M. Vilela, "As conjunções servem para estabelecer a ligação entre palavras, grupos de palavras e frases,

e simultaneamente para a expressão de relações semânticas entre as unidades ligadas.” (VILELA, 1995, p. 204)

De seguida, apresentar-se-ão os diversos valores conjuncionais que o item em apreço poderá adquirir.

### *Conjunção causal*

(11) **Como** eram ultimamente tão raros, ele arranjava mil e uma maneiras de os reter e entreter. (EXP – 23/08/97)

(12) **Como** sempre foi bom conversador, lá conseguia que a venda de um transístor de 20 escudos durasse mais de uma hora. (EXP – 23/08/97)

(13) **Como** pessoa há muito devotada aos computadores Apple, com uma dúzia de Macs, actualmente activos, sinto-me extremamente frustrado com os últimos modelos. (EXP – 27/09/97)

(14) Como não tinha tempo suficiente para investigar de forma independente Monica (...) a “Newsweek” decidiu reter a publicação da história há duas semanas. (EXP – 31/01/98)

(15) **Como** a gente não quer comer vamos já embora. (PF – 1383)

Nestes casos como liga orações, as quais semanticamente exprimem uma relação de causa - efeito. A gramática tradicional chama a este conector conjunção causal, defendendo que ele liga uma oração subordinada adverbial causal, a uma oração subordinante (ou oração principal). Neste contexto, pode comutar-se *como* com “porque”, “visto que”, “uma vez que”, isto é, conjunções e locuções que exprimem a relação de causa – efeito. Neste tipo de construção, a oração subordinada antecede a subordinante, ao contrário do que acontece com a partícula “porque”, em que surge primeiro a oração subordinante e só depois a subordinada. A causal como, ao contrário das outras conjunções, aparece exclusivamente em posição inicial, pois irá expressar uma causa que irá explicar a oração principal, justamente ao contrário de construções com “porque” em que se explica a razão do que está expresso na principal.

### *Conjunção Temporal*

(16) E **como** chegou, atropelou-a, agarrou-a, apertou-a. (NDLP)

(17) **Como** chegaram, cada um despiu a sua farda. (NDLP)

(18) Este verdadeiro amor ouve elRei Dom Pedro a Dona Enes **como** se della namorou, sendo casado e ainda íffamte. (NDLP)

Nestes exemplos, verifica-se que *como* é comutável por “quando”, “logo que”. No primeiro exemplo, comuta-se *como* com “quando” e “logo que”, sem alteração do sentido original; enquanto, no segundo e no terceiro, a comutação ocorre apenas com “quando”, igualmente sem perda do sentido inicialmente transmitido.

Tratar-se-á, portanto, da tradicional conjunção temporal. Este é, actualmente, um uso pouco comum, e pode mesmo dizer-se que se trata de uma forma caída em desuso, considerada, por este motivo, arcaica. Não se encontrou nenhum valor na sincronia que apontasse para este sentido. No entanto, é preciso notar que M. Vilela, na gramática a que aqui já se fez menção, inclui o *como* dentro do item das conjunções temporais, ao lado de “quando”, “apenas”, “à medida que”, “antes”, entre outras.

O uso diário não parece ter consagrado este sentido de *como*, sendo de emprego muito restrito. Será, talvez, mais frequente em discursos cujo objectivo seja a estética e a beleza. É também um uso que actualmente qualquer falante o interpretará não como conector temporal, mas, preferencialmente, como conector causal.

### *Conjunção Condicional*

(19) **Como** possa, irei a Lisboa. (LCI)

Nesta frase o *como* tem um sentido claramente condicional. Parafraseando dir-se-ia: “Se puder irei a Lisboa.” Este sentido, como o anteriormente tratado, não é muito usual na linguagem. Como o objectivo deste trabalho estava essencialmente orientado para o discurso comum (e oral), não se encontrou qualquer uso que se assemelhasse a este valor, nas fontes analisadas. O exemplo que aqui se regista foi recolhido durante uma conversa informal com um falante culto.

Este sentido de como condicional poderá ser reforçado pela presença de um seu correlativo, *se*, gerando a locução como *se*. No entanto, não é objectivo deste estudo abordar este tipo de estrutura porque nesta locução interagem aspectos tanto da condicionalidade como da modalidade.

### *Conjunção Comparativa*

(20) “*Tanto* na generalidade **como** na especialidade” (EXP - 18/10/97)

(21) “Centrista, porque se opõe *tanto* ao império do pilim **como** ao poder ilimitado do Estado...” (EXP - 20/12/97)

(22) *Tanto* via marítima, **como** caminho de ferro. (PF - 0476)

(23) Nós somos *tão* competentes **como** os médicos escolares. (PF - 0836)

Nestes casos observados constata-se que como aparece a desempenhar as funções de elemento de ligação entre dois conceitos, duas ideias. De notar que, nestes exemplos, como está sempre acompanhado dos seus correlativos, nestes enunciados, tanto e tão. Tratar-se-á do que tradicionalmente se denomina locuções comparativas. Efectivamente, nos exemplos acima apresentados, está-se perante verdadeiras estruturas comparativas, e por isso não se pode tomar o como isoladamente, mas deve ser encarado como fazendo parte de um bloco *tanto... como* e *tão... como..* Nestes exemplos *como* será o introdutor do segundo segmento da comparação.

M. Délabre identifica um *como*, conjunção comparativa e um *como* “operador de inclusão referencial<sup>12</sup>”. A sua concepção poderá ser facilmente compreendida através do seguinte esquema:

vUne voiture **comme** la tienne est démodée.

Operador de Inclusão Referencial  
(Coloca o ênfase no Det + N2)

12 Cf. M. DÉLABRE, 1984, p. 21-36.

vUne voiture qui est comme la tienne (=semblable à la tienne)<sup>13</sup>.



Monema de Comparação

(...) porque comme puisse être analysé comme apérateur d'inclusion référentielle, la condition suivante doit toujours s'être remplie: il faut que le syntagme verbal de la phrase dans la quelle est réalisée la séquence avec comme soit peu actualisé et puisse recevoir une interprétation non spécifique. Par conséquent, il ne présentera pas d'indices spatio-temporels permettant de localiser dans le syntagme à gauche de comme un référent spécifique. (M. DELABRE, 1984, p.30-31)

### *Valor Adverbial*

Muito se tem falado sobre a caracterização formal do advérbio sem, no entanto, se avançar com conclusões definitivas. Costuma incluir-se nos advérbios todos aqueles itens de difícil classificação que não se inserem em qualquer outra classe, daí que o advérbio seja, por vezes, considerado uma classe heterogénea e nada fácil de trabalhar. Tradicionalmente, poder-se-á dizer que o advérbio se divide em nominal e pronominal. O primeiro desdobra-se em substantivo sem pronome, enquanto o segundo com pronome. O *como* aparece, normalmente, como um advérbio relativo, sendo que a principal característica deste é anteceder um substantivo a que se refere.

Retornando aos três critérios que permitem a classificação, pode dizer-se que, de um ponto de vista funcional, constata-se que o advérbio é um determinante de um verbo ou de um adjetivo. Se se complementar este critério com o morfológico verifica-se, como se viu acima, que o advérbio pode ser um nome ou um pronome mas sem flexão.

E. Llorach fornece uma visão muito particular sobre os advérbios, em que se encontra uma razoável referência ao *como*. Segundo a sua perspectiva, em que o ponto de vista funcional tem um peso muito grande, para que se possa considerar um determinado item como advérbio, este tem que cumprir determinadas condições. Veja-se quais são: "(...) ser signos mínimos y cumplirsin la adjunción de índices funcionales la función que hemos llamado de aditamento." (E. ALARCOS, 1982, p. 308) Quando E. Alarcos menciona a função de 'aditamento', refere-se ao que a gramática portuguesa tradicionalmente designou de

<sup>13</sup> Cf. M. DÉLABRE, 1984, p. 30-31.

complemento circunstancial. Encontra-se neste autor uma perspectiva algo diferente daquela que está patente nas gramáticas tradicionais (e em nada importa o facto de se tratar de um autor espanhol e de se referir especificamente à língua espanhola, pois os mesmos preceitos podem ser adaptados ao português), mas julga-se importante o confronto de ideias para daí se puderem retirar algumas conclusões.

### *Adverbial modal*

(24) Mas os computadores podem ser **como** botas de esqui. (EXP -27/09/97)

(25) Quando lhe colocavam uma pergunta difícil numa conferência de imprensa quase sorria, inclinando-se para o microfone **como** um lutador que avança para encaixar um muro. (EXP -20/09/97)

(26) Interessa-nos fundamentalmente **como** é que as pessoas que são completamente estranhas à publicidade (...) (PF - 13)

Nas frases acima observa-se o *como* nas suas funções de advérbio de modo. Aparece com particular frequência, no sentido de: “de que modo”, “pela maneira que”, “conforme”, entre outros sentidos. Nestes exemplos, o advérbio *como* está em estreita relação com o verbo “ser”, “inclinando-se” e “interessar”. O *como* modifica o verbo, impregnando-o de um certo matiz de modo. Este tipo de estrutura tem sido confundido com as estruturas comparativas, com as quais, por vezes, a fronteira é pouco clara.

Sobre este ponto, parece M. Vilela ter resolvido já algumas questões quando sublinha que

os adverbiais modais [sublinhado do autor] (ou determinações modais) servem para a caracterização, explicação e especificação da representação linguística dos estados de coisas, do ponto de vista do falante ou escrevente (...). (M. VILELA, 1995,p. 282)

Esta é uma explicação de cariz, essencialmente, semântico. A visão de E. Alarcos é substancialmente diferente da apresentada por M. Vilela. E. Alarcos considera o *como* um transpositor, o elemento que permite transpor as orações “degradadas” de sentido modal<sup>14</sup>. Na perspectiva de E. Alarcos os transpositores serão elementos “(...) que

14 Cf. E. ALARCOS LLORACH, 1996,p. 361-364.

habilitam a determinada unidad para funciones distintas de las propias de su categoría.” (E. ALARCOS, 1996, p. 227-228)

Fortemente ligado a este valor adverbial modal surge um outro tipo de sequência, que a seguir se analisa.

### *Adverbial interrogativa*

(27) **Como** é que nunca tomara contacto com uma coisa tão simples? (EXP -23/08/97)

(28) **Como** lidar, então, com uma situação deste tipo? (EXP - 27/09/97)

(29) **Como** aplica o dinheiro que ganha? (EXP - 31/01/98)

(30) **Como** é que sabes isso rapaz? (PF - 0022)

(31) **Como** é que se chama o senhor? (PF - 0194)

Nestes exemplos o *como* aparece sempre como partícula introdutora de uma questão. Por que se disse acima que a adverbial modal estava fortemente ligada à adverbial interrogativa? Porque esta última irá dar origem à adverbial modal (directa ou indirectamente), já que, como diz M. Vilela, “Respondem [as adverbiais modais] (...) a perguntas feitas com os advérbios interrogativos ou combinações preposicionais: *como?* (...), *por meio de quê?* (...), *de que modo?* (...).” (VILELA, 1995, p. 282).

Como interrogativo pode ter, pelo menos, dois valores diferentes, de acordo com M. M. Mateus, o de modo e o instrumental<sup>15</sup>. A uma pergunta como a do exemplo (28) poder-se-ia responder “Com dificuldade.”, “Muito bem” e estar-se-ia a responder ao modo. Mas se a resposta fosse, “Apanhando um táxi”, “Indo de autocarro” já se estaria no domínio instrumental<sup>16</sup>.

Chama-se aos *como* empregues nos exemplos acima, interrogativos, precisamente, por se empregarem nas orações interrogativas directas e indirectas. Acima, (27), (28), (29) e (30), só existem orações interrogativas directas, mas estas podem ser

15 Cf. M.H. M. MATEUS, 1994, p. 241.

16 Maria Helena Mira Mateus considera que as frases interrogativas “(...) são a expressão de um tipo de acto ilocutório directivo, através do qual o LOC pede ao ALOC que lhe forneça verbalmente uma informação que não dispõe.” M. H. M. MATEUS, 1994, p. 237. No entanto, considera-se mais adequado continuar a entender este como na qualidade de advérbio interrogativo. Admite-se, no entanto, a existência de valores elocutórios.

facilmente convertidas em indirectas, de forma a verificar tratar-se de um advérbio interrogativo, por exemplo: “Ele perguntou como é que nunca tomara contacto com uma coisa tão simples.” (27).

#### *Valores Elocutórios*

Convém antes de se avançar com a apresentação dos valores elocutórios encontrados, definir e esclarecer o que se entende por elocução e, conseqüente, por valor elocutório. O acto elocutório concretiza-se na própria fala, sendo que o valor elocutório depende sempre da situação de comunicação em que se encontram os intervenientes. Toda a teoria que envolve os actos elocutórios é bastante complexa para aqui ser explicada em poucas linhas, pelo que se trata agora de esclarecer o sentido em que valor elocutório é, neste estudo, utilizado<sup>17</sup>.

Serão considerados nesta alínea os valores que colocam a ênfase na comunicação, no estabelecimento de pontos de contacto entre aquele que produz a comunicação e o que a ouve e compreende. Daí que se tenha considerado três valores diferentes: um que visa estabelecer ligações, outro que expressa admiração, e outro que expressa interrogação. Veja-se em mais pormenor cada um deles.

#### *Operador relacional*

(32) Pouco falta, **como** se vê, para comparar os chefes do PS e do PSD àqueles dois famosos amigos do Tintim... (EXP – 20/12/97)

(33) As mulheres ficam ali, **como** estavam, sentadas à soleira da porta. (EXP – 25/10/97)

(34) O fim dos blocos não deu lugar, como parecia, a um mundo multipolar de equilíbrio incerto. (EXP – 24/01/98)

(35) Eu tenho a preocupação, como disse, de explicar tudo com muita clareza. (PF – 0622)

(36) Sobremesas, como vê, temos laranjas. (PF – 0041)

(37) Mas, como eles, as redacções viram que os jornais andando no comboio... (PF – 0502)

Nestes enunciados encontra-se um operador relacional, isto é, uma unidade que tem como função estabelecer pontos de ligação entre dois pontos do enunciado ou entre o locutor e o seu ouvinte. A Nomenclatura Gramatical Brasileira enquadra este segmento dentro do

17 Para mais informações sobre a actividade elocutória Cf. J. R. SEARLE, 1984.

grupo das conjunções subordinativas, classificando-as, de um ponto de vista semântico, como conformativas. Sobre elas os autores da NGPC dizem: "As conformativas iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal."(CUNHA e CINTRA, 1987, p. 585). Nestes casos como pode ser comutado por conforme, sem haver uma mudança de significado. Assim, trata-se, na perspectiva de C. Cunha e L. Cintra de orações subordinadas adverbiais conformativas. No entanto, T. Mória e J. A. Peres não encontram argumentos suficientes para se denominar esta estrutura como uma oração subordinada adverbial conformativa, preferindo a designação de estruturas conformativas. Aí o como já não será uma conjunção, mas um operador.

Assim, preferimos falar de estruturas conformativas, englobando o operador de ligação e a estrutura nominal. Estas estruturas parecem desempenhar uma função semelhante à de expressões consideradas adverbiais – e que na verdade são verdadeiros predicados que tomam frases como argumento, isto é, apostos de frase(...).(PERES e MÓIA, 1995,p. 356).

Esta talvez seja uma visão mais adequada a ter em conta quando se encara este tipo de estrutura.

Se se optou por incluir este operador nos valores elocutórios deveu-se, essencialmente, ao facto de se poder excluir do enunciado sem existir qualquer alteração de sentido. O objectivo principal desta estrutura intercalada é o reforçar da comunicação.

#### *Frases e expressões exclamativas*

(38) **Como** comeste bem! (GDLP)

(39) **Como** cresceste! (GDLP)

(40) **Como** és mau! (GDLP)

(41) Olha **como** tu estás conservado, homem! (GDLP)

Nestes exemplos *como* encerra um valor exclamativo. Este tipo de enunciado pode ser caracterizado por meios prosódicos ou por meio sintácticos. No primeiro é a entoação que vai dar lugar a esse tipo de frase, enquanto no segundo caso serão processos sintácticos que permitirão o reconhecimento destas estruturas. Este tipo de construção identifica um dado ponto numa tabela de comparação, ao mesmo tempo

que exprime a admiração e/ou espanto por essa posição. Nestes casos pode constatar-se que *como* é comutável com “quanto” e “quão”, não havendo uma alteração do sentido original.

A referência ao contexto da enunciação mostra-se indispensável para este tipo de análise. Existem diversos tipos de estruturas exclamativas: podem incidir num advérbio (38), na quantidade (39), na qualidade (40). Segundo M. M. Mateus poder-se-á identificar dois tipos de estruturas que têm como base **como**:

$$\mathbf{COMO}^{18} + \left\{ \begin{array}{l} \text{V+ADJ+SN} \\ \text{ou} \\ \text{SN + V+VADJ} \end{array} \right.$$

Nos exemplos que acima se transcreveram, constata-se que facilmente se poderá retirar a partícula *como* sem alterar o sentido à frase. Trata-se de uma partícula enfática, cujo valor é essencialmente comunicativo, tendo a intenção de exprimir o sentimento do sujeito que produz o enunciado.

#### *Frases e expressões interrogativas*

- (42) **Como?** (PF – 0529, 1232)
- (43) **Como** é? (PF – 0041, 0564, 0816)
- (44) **Como** é que disse? (PF – 0863)
- (45) E **como** é? (PF – 0863)
- (46) **Como** era? (PF – 1055)

Nos exemplos acima verifica-se que *como* mais não faz do que reforçar o canal de comunicação. Repare-se que este é um uso característico de um discurso oral sem atender a preocupações de ordem estética, mas com o objectivo de manter a comunicação com o ouvinte: é o reforço do canal, se se quisesse adoptar uma visão Jakobsoniana. Então, aí, a função fática estaria em pleno exercício. Trata-se, portanto, de um valor elocutório da partícula *como*.

18 Cf. M.H.M. MATEUS, 1994, p. 254.

## Como explicar os valores de *como*?

Considera-se que são essencialmente dois os motivos pelos quais o falante é impelido na construção de novas formas, de novos vocábulos. O primeiro estará relacionado com a utilização de uma palavra em diferentes classes gramaticais, enquanto o segundo se relaciona com a necessidade que o locutor sente em proceder a um acréscimo semântico a uma significação lexical básica. O item em análise coloca estes dois tipos de problemas. Se por um lado, parece oscilar com relativa facilidade entre as diferentes classes; por outro, constatou-se que foi alvo de diversos acréscimos semânticos ao longo dos séculos.

Uma pergunta parece impor-se quando se estudam os valores e funções de *como*:

Se entienden todos los como de una manera única, derivando luego los distintos sentidos de su significado idiomático, o sólo se entienden las formas lógicas de los juicios en que entran, de suerte que los valores de cada como vendrían a resultar puramente contextuales, reduciéndose todo a una especie de sintaxis universal, ajena a los significados concretos de cada lengua? (TRUJILLO, 1990, p. 249)

Tal pergunta feita por R. Trujillo leva a um interrogação mais vasta e abrangente. Poder-se-á considerar a existência de categorias universais de palavras ou, pelo contrário, as categorias serão particulares a cada língua? Procurou provar-se ao longo deste estudo que as classes de palavras só poderão ser estudadas dentro de um determinado sistema linguístico. Só se pode averiguar o tipo de relações que cada palavra pode ter (as suas compatibilidades, se assim se quiser chamar) dentro de uma língua. Foi tal o trabalho desenvolvido ao longo destas páginas. Analisaram-se os valores e as funções de *como* dentro de um sistema linguístico: o da língua portuguesa. Os exemplos que se apresentaram, os argumentos que se invocaram, poderão não ser os adequados para todas as línguas. Daí que se tenha de considerar o item *como* dentro do sistema que o envolve, nunca o podendo alhear, isto é, colocá-lo num vácuo abstracto, em que este não é nada.

*Polissemia ou homonímia de como?*

A polissemia é um problema semântico bastante complexo, em que a um só significante lhe estão adjuntos vários significados, os quais estabelecem relações entre si. Já o fenómeno que se designa por homonímia é caracterizado pelo facto de a um só significante estarem ligados diversos significados, mas ao contrário da polissemia, não se estabelecem relações entre os significados que partilham o mesmo significante. A diferença entre polissemia e homonímia reside na questão, como já acima se teve oportunidade de notar que, enquanto na polissemia os significados são parcialmente análogos, na homonímia os significados são completamente independentes, não havendo entre eles (significados) um denominador comum.

(...) dois significantes são idênticos fonológica ou graficamente, mas os significados divergem e não têm qualquer relação especial: os dois signos são homónimos e a relação entre eles é designada homonímia. Trata-se de diferentes lexemas cujos respectivos suportes léxicos, na sua evolução histórica, coincidiram. Mas se os significados forem parcialmente idênticos, temos a relação chamada polissemia ou o significado múltiplo.(VILELA, 1994, p. 26)

Na perspectiva de A. S. Silva, a polissemia levanta alguns problemas, nomeadamente: "(...) a delimitação/identificação dos diferentes significados, a descrição e explicação das relações que os une, a distinção polissemia/homonímia, a análise e interpretação da estrutura polissémica." (SILVA,1992,p. 419). Estes foram alguns dos problemas que se colocaram ao longo da elaboração deste estudo. Por um lado, haveria que considerar o significante [ˈkomu] e os significados que nesta mesma forma convergem; por outro lado, tornar-se-ia necessário estudar o tipo de relação existente entre esses diversos significados. O objectivo deste estudo mais não seria do que averiguar se existiria (ou não) relações entre os significados. Só depois a consideração de se tratar de um fenómeno de polissemia (em que os significados estariam ligados por um denominador comum) ou de um fenómeno de homonímia (em que não haveria qualquer ponto de contacto entre os significados), seria pertinente.

A conjunção poderá ser considerada um excelente exemplo de polissemia, pois sabe-se que nem sempre é clara a fronteira entre um como temporal e um como condicional, por exemplo. Mas mesmo a

relação entre a preposição e a conjunção aponta para a polissemia. Para que se possa considerar, então, o como conjunção (causal, temporal, condicional e comparativo) e o como preposição uma unidade polissémica, resta discernir qual o ponto de contacto entre estes elementos, isto é, o denominador comum. A este chamar-se-á arquissemema<sup>19</sup>. Sendo assim, poder-se-ia concluir que o arquissemema do significante [ˈkomu] será “conetor” ou “relator” (factor comum no que respeita a preposição e a conjunção). Não se julgue, no entanto, que é fácil afirmar que se trata de uma unidade polissémica que tem um determinado arquissemema, pois, “Os vários significados da palavra polissémica estão ligados entre si por determinadas relações de natureza cognitiva, formando assim uma estrutura, por vezes, muito complexa.” (SILVA, 1992, p. 419)

No que respeita à homonímia, há que considerar que é sempre pelo contexto que os homónimos se distinguem e diferenciam. Serão homónimos os vocábulos cuja configuração fónica seja a mesma, embora pertençam a campos semânticos diferentes. N. Zanoto distingue a homonímia léxica da homonímia gramatical. Diz o autor que a primeira se ocupa de palavras fonologicamente iguais, mas semanticamente diferentes. A segunda opõe vocábulos também com a mesma constituição fonológica, entre os quais a diferença reside não propriamente no aspecto semântico, mas sim na função gramatical.<sup>20</sup> O estudo que aqui se faz trata, nesta perspectiva, da homonímia gramatical, pois considera-se que existe um mesmo significante actualizado em significados diversos, cujas funções e valores gramaticais dependem sempre dessa actualização.

Ter-se-ia que considerar que se estaria perante uma unidade homónima quando se tratasse do substantivo, do advérbio e dos valores ilocutórios, pois estes significados não têm qualquer denominador comum. De referir que esta afirmação se encontra no domínio da sincronia e não da diacronia. Deste ponto de vista (diacrónico), ter-se-ia que considerar que todos os valores de [ˈkomu] seriam polissémicos, já que todas as formas derivaram de uma só: *quomodo*. No entanto, seria extremamente difícil considerar a existência de um denominador

---

19 A noção de arquissemema é utilizada aqui como representante do conjunto de semas que estão na base da unidade polissémica. O arquissemema será, deste modo, o denominador comum a todos os semas que constituem a unidade polissémica aqui em estudo. Cf. J. DUBOIS, 1993, p. 66-67.

20 Cf. N. ZANOTO, 1986, p. 47-48.

comum. M. Descamps-Hocquet parece partilhar esta visão quando defende que o recurso à etimologia não pode constituir um critério num estudo de polissemia sincrónica. Assim o refere a autora: "On ne peut légitimement parler de polysèmes quand la plupart des locuteurs n'ont plus réellement conscience en synchronie d'un lien entre les signifiés." (DESCAMPS-HOCQUET, 1990, p. 109)

### *Gramaticalização de como?*

O conceito de gramaticalização foi primeiro apresentado pelo estudioso francês Antoine Mellet, sendo alvo de variadas definições e assumpções até aos dias que correm. Ao se falar neste ponto em fenómeno de gramaticalização, há que considerar que *como* é, na maioria das vezes, um item gramatical, pertencente a uma classe fechada, e só raramente um item lexical. No entanto, a definição de gramaticalização que a seguir se apresenta permite manter em aberto a possibilidade de a mesma ocorrer.

Por gramaticalização entende-se, (...) o processo gradual e contínuo (diacrónico, como uma espécie de mudança linguística, e sincrónico, como variação de uso num mesmo estágio de língua), pelo qual um item lexical, uma construção, um elemento discursivo-pragmático, ou mesmo um item gramatical se tornam, em determinados contextos linguísticos, numa categoria gramatical (ou mais gramatical, no último caso), passando a codificar uma função gramatical que, ou ainda não tinha sido codificada, ou fora codificada de modo diferente. (SILVA, 1996, p. 114)

Como inicialmente se referiu, *como* proveniente do latim *quomodo* tinha duas funções essenciais: a de interrogativo, e a de modal comparativo. Do ponto de vista diacrónico, assiste-se ao nascimento gramatical de novas funções de *como*, que foram sendo gramaticalizadas à medida que os sujeitos falantes delas necessitavam.

A gramaticalização é um processo que tem diversas características, como por exemplo: as mudanças são motivadas por factores semânticos ou pragmáticos; desenvolvimento de novos significados; coexistência entre novos e velhos significados; as mudanças conceptuais e semânticas antecedem, de maneira geral, as mudanças morfossintáticas e fonológicas; as mudanças envolvem uma reanálise; e, finalmente, as mudanças podem envolver reduções fonológicas. Destaca-se, de

entre estas, a motivação que o sujeito falante parece sentir para a modificação das estruturas da língua que utiliza. Tal motivação surge, normalmente, devido à necessidade de utilizar um determinado item em novas circunstâncias. De seguida, terá havido um período em que os novos e os velhos significados coexistiram, e, num último momento, procedeu-se à reanálise da forma gramaticalizada e das formas que com ela interagem no eixo sintagmático. Poder-se-á concluir que houve um alargamento semântico do item *como*, alargamento esse que veio provocar alterações no plano sintáctico e no plano morfológico<sup>21</sup>.

Considera-se que a gramaticalização é um processo que permite selecionar as categorias e trabalhá-las de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes. Trata-se de um problema deveras complexo da linguagem, que apela à interdependência entre língua e fala, aspecto sobre o qual E. C. Traugott reflecte: "The study of grammaticalization challenges the concept of a sharp divide between langue and parole, and focuses on the interaction of the two." (TRAUGOTT e HEINE, 1991, p. 189). Deste modo, verifica-se que a gramaticalização é um meio através do qual um item, neste caso, ou construções gramaticais, passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, é necessária a codificação sintáctica desse mesmo item sujeitando-o a estritos processos sintácticos. Assim, se constata como a fala afetou a língua.

Colocam-se algumas interrogações no estudo da gramaticalização no que respeita ao item que é aqui é centro de análise: dever-se-á proceder a uma separação ou a uma junção dos pontos de vista sincrónico e diacrónico? Dever-se-á encarar a gramaticalização como um processo contínuo ou descontínuo? E, finalmente, até que ponto é que se pode considerar que a gramaticalização é o resultado de forças pragmáticas? Na análise de *como*, poder-se-ão tecer algumas considerações. O recurso à diacronia provou ser útil para que se pudesse averiguar a etimologia do item em questão, bem como o seu percurso histórico. Considera-se que este foi um processo contínuo que, muito possivelmente, ainda hoje estará a decorrer. Finalmente, ter-se-á que concordar quando se diz que a gramaticalização é, pelo menos em parte, resultado de forças pragmáticas: as necessidades comunicativas dos falantes fizeram com que os novos valores de *como* se fossem

---

21 Sobre uma visão ligeiramente diferente daquela aqui exposta baseada no trabalho de A. S, SILVA, consultar E. C. TRAUGOTT e B. HEINE (ed.), 1991, p. 22-31.

desenvolvendo. Como, item gramatical que é, terá desenvolvido novas funções gramaticais, sofrendo um alargamento do seu campo de significado.

*Polissemia/homonímia e gramaticalização de como?*

Haverá a considerar uma última questão: existirá complementaridade entre as duas propostas? Por um lado desenvolveram-se novas funções gramaticais a partir de um mesmo item, também ele gramatical, *quomodo*; por outro, poder-se-á admitir um alargamento de sentido, alguns ligados entre si – gerando uma unidade polissémica com um arquissemema – e outros independentes, ocasionando uma unidade homónima. Deste modo, poder-se-á considerar que o item, ao sofrer um alargamento do seu campo semântico, foi obrigado a gramaticalizar esses novos sentidos, ocasionando a polissemia de algumas unidades e a homonímia de outras.

Tal hipótese de complementaridade foi também proposta por P. J. Hopper and E. C. Traugott, quando afirmam,

In general, from the perspective of grammaticalization it is methodological essential to assume polysemy if there is a plausible semantic relationship, whether or not the forms belong to the same syntactic category (...). (HOPPER and TRAUGOTT, 1993, p. 71).

Embora, os autores se refiram a outros casos que estudam, pensa-se que o que acima se disse será aplicável ao estudo da partícula *como*. Argumentam, ainda, os autores que, se não existir a tal complementaridade, não será possível estabelecer relações entre as variantes formais mais e menos gramaticalizadas. Assim, constata-se que estes dois fenómenos acabam por estar intimamente ligados. A gramaticalização da forma *como* originou o aparecimento de diversos valores, que decorreram em grande parte das necessidades comunicativas dos falantes, tais formas originaram sentidos diversos que partilham o mesmo significante.

## Conclusão

Na classificação da forma em análise foi imprescindível recorrer aos três critérios disponíveis. Assim, semanticamente dir-se-á que o advérbio modifica o verbo; morfologicamente que o advérbio, a preposição e a conjunção são formas invariáveis; enquanto o substantivo é uma forma variável, isto é, declinável. Funcionalmente, dir-se-á que a preposição está situada antes de um grupo de palavras e indica determinado tipo de relações. Estes foram apenas alguns usos que *como* registou.

Não se deve considerar que existam uns valores mais importantes que outros, existem sim, valores mais e menos frequentes. De entre os usos mais frequentes da partícula *como* destacam-se os conectores – conjunções – (predominando a conjunção comparativa) e o valor adverbial (modal e interrogativo). Também frequentes são os valores ilocutórios, ou seja, aqueles que mais directamente contribuem para a comunicação: o operador relacional, o exclamativo e o interrogativo. Os outros valores são menos frequentes, sendo mais próprios de discursos cujo registo é mais cuidado, como o substantivo, a preposição e alguns valores semânticos da conjunção.

Este trabalho permitiu, de igual modo, constatar que a tradicional separação entre morfologia e sintaxe, entre o léxico e a sua construção em enunciados poderá ser considerada, até certo ponto, artificial. Não se pode (ou não se deve) pretender a classificação de um item do léxico sem recorrer ao contexto em que este ocorre. Portanto, as disciplinas que aqui se abordam interpenetram-se, apresentando fortes semelhanças estruturais.

## REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, Emilio. **Estudios de gramática funcional de español**. 3ª edición. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

AZUAGA, Luisa. *Morfologia*. In: FARIA, Isabel Hub; RIBEIRO, Emília Pedro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996. p.215-244.

BARRENECHEA, Ana María. *Las clases de palabras en español como clases funcionales*. In: **Romance Philology** XVII (2), 1963. p.301-309.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

CANO AGUILAR, Rafael. *Coordinación y subordinación: «como» encastellano medieval*. In: ARIZA, M.; SALVADOR, A.; VIUDAS, A. (ed.). **Actas del I Congreso Internacional de História de la Lengua Española**. Cáceres, 30 - marzo - 4 de abril de 1987. Madrid: Arco/Libros S.L., 1987. p. 301-317.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CUESTA, Pilar Vazquez; LUZ, Maria Albertina Mendes da. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1971.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4ª edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987.

DÉLABRE, Michel. *Comme opérateur d'inclusion référentielle*. In: **Linguística e Investigações, Revue Internationale de Linguistique Française et de Linguistique Générale**, tome VIII: 1. Amsterdam: John Benjamins B.V., 1984. p. 21-36.

DESCAMPS-HOCQUET, Marguerite. *La polysémie, domaine du meilleur et du pire*. In: **Actes du XVIII<sup>e</sup> Colloque Internationale de Linguistique Fonctionnelle**. León, Espagne, 5-10 Juillet 1990. León: Universidade de León, 1992. p. 109-111.

GUTIÉRREZ, Salvador. **Estructuras comparativas**. 2ª edición. Madrid: Arco/Libros S.L., 1997.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HÜBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

MACAMBIRA, José Reboças. **A estrutura morfo-sintática do português. Aplicação do estruturalismo linguístico**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. **Gramática da língua portuguesa**. 4ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

MATTEWS, P.H. **Morfología. Introducción a la teoría de la estructura de la palabra**. Traducido y adaptado por Rafael Monroy Casas. Madrid: Paraninfo, 1980.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar *et al.* **Português fundamental – Métodos e documentos**, vol. II, Lisboa: INIC, 1987.

RIDRUEJO, Emilio, *Sobre el estatuto gramatical de como, cuando, donde, cuanto*. In: **Homenaje a Félix Monge. Estudios de lingüística hispánica**. Madrid, Editorial Gredos, 1995. p. 387-400.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (Comisión de Gramática). **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1973.

RIDRUEJO, Emilio, *Sobre el estatuto gramatical de como, cuando, donde, cuanto*. In: **Homenaje a Félix Monge. Estudios de lingüística hispánica**. Madrid, Editorial Gredos, 1995. p.387-400.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Operações e paradigmas genolexicais do português*. In: **Filologia e Lingüística** 2, 1998. p. 1-18. SILVA, Augusto Soares. *Dos conceitos lexicais aos conceitos gramaticais. Aspectos da gramaticalização*. In: **Diacrítica**, 11, 1996. p. 113-138.

SCHIMEDLY, Jack. *Combien de como em espagnol?* In: **Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Université de Trèves (Trier), 1986, tomo II. Tübingen: Max Niemeyer, 1991. p.112-118.

SILVA, Augusto Soares. *Significação e acepções: dois tipos de polissemia*. In: **Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992. p.419-430.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (ed). **Approaches to Grammaticalization, Focus on Theoretical and Methodological Issues**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 1-146.

TRUJILLO, Ramón. *Sobre la explicación de algunas construcciones de como*. In: **Verba, Anuario Galego de Filoloxía**, vol.17. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1990. p.249-266.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VILELA, Mário. **Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase e gramática de texto**. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

VILELA, Mário. **Léxico e Gramática. Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

Recebido em 15 de outubro de 2012.

Aceito em 19 de março de 2013.